

Lanidor procura investidores fora do país e pode ceder até 40% do capital

Vendas da empresa, 100% detida pela família Xavier, caíram 10% no primeiro trimestre, ritmo que deverá manter-se até final do ano. O grupo português admite dificuldades de tesouraria

Empresas Ana Rute Silva

Em Fevereiro e Março alguns trabalhadores da Lanidor receberam os salários com atraso. E desde o início do ano, a empresa portuguesa de vestuário, fundada em 1966, optou por pagar os subsídios de férias e de Natal em duodécimos mensais. João Pedro Xavier, presidente do conselho de administração do grupo Lanidor, diz que os efeitos da crise e das medidas de austeridade estão a ter um impacto "brutal" no sector do consumo e no acesso ao financiamento. Por isso, com uma quebra nas vendas de 10% no primeiro trimestre, admite que chegou o momento de ceder parte do capital social da empresa, 100% detida pela família Xavier.

"Nesta fase estamos dispostos a abrir mão até 40% do capital", revelou ao PÚBLICO. Para conseguir dar o salto, sobretudo nos mercados internacionais (que pesam 10% nas receitas do grupo), João Pedro Xavier tem viajado entre o Médio Oriente, Ásia e América do Sul para tentar encontrar "um leque de investidores". "Terá de ser um accionista que nos traga valor acrescentado. Por exemplo, pode ser uma grande empresa chinesa se ficar com o master franchising para a China e trabalhar naquele mercado", explica. A intenção é captar o interesse das economias emergentes, onde a crise não chegou, e trazer dinheiro novo para o grupo, dono das marcas Lanidor, Globe, Casa Batalha e Companhia do Campo.

"Como accionistas temos de perceber que chegou o momento de nos abrir ao mundo e ao dinheiro do mundo", diz João Pedro Xavier, adiantando que esta é uma operação que terá de ser feita em breve. "A situação na banca não vai melhorar nos próximos tempos e vamos estar condicionados", justifica.

No final do ano passado, a Lanidor passou a integrar outra marca nacional, a Quebramar, numa lógica de partilha de custos. A participação de 31% na empresa de Gonçalo

Esteves foi concretizada através da Absolutgest SGPS e conseguida "a meias com o BES". "Tínhamos uma estrutura feita para um determinado número de lojas e com esta quebra de vendas ou despedíamos pessoas nos departamentos de marketing e logística ou encontrávamos clientes que se pudessem servir dos nossos serviços", diz. A entrada da Quebramar permitiu ao grupo Lanidor manter os seus postos de trabalho, o que não aconteceu com a empresa de Gonçalo Esteves, onde foram despedidos 30 trabalhadores.

No total, trabalham agora 1260 pessoas no grupo alargado, com cerca de 200 lojas em Portugal e no estrangeiro. João Pedro Xavier lançou uma proposta de integração semelhante a outras marcas nacionais, para já sem resposta. "O mercado está a encolher tanto que é difícil as marcas terem dimensão para sobreviver. Corremos o risco de sair desta crise só com marcas internacionais", lamenta.

Dificuldades de tesouraria

Em 2011, as receitas chegaram aos 110 milhões de euros (valor inclui a Quebramar) e o presidente do conselho de administração espera, para este ano, uma descida nas vendas de 10 a 12%. Com dificuldades de financiamento junto da banca e a facturação em queda, a Lanidor atrasou o pagamento de salários no início do ano.

António Monteiro, do Sindicato do Comércio e Serviços de Portugal, disse ao PÚBLICO que o vencimento de Março foi pago dia 3 de Abril. "Este ano o subsídio de férias e o de Natal está a ser pago em duodécimos e temos a indicação de que querem alterar os horários de trabalho, retirando um dia de descanso e reduzindo o número diário de horas de trabalho", garante.

João Pedro Xavier assegura que os atrasos nos vencimentos "foram pontuais". "Não havendo muita liquidez é muito difícil garantir a um trabalhador que vai receber no dia 28. Pode haver atrasos", admite. Quanto à opção de pagar os subsídios todos os meses, responde a um



A Lanidor está a sentir os efeitos da quebra de consumo registada em Portugal

3 PERGUNTAS A JOÃO PEDRO XAVIER

"Pergunto-me se algum dia voltaremos a ter o mesmo nível de consumo"

As medidas de austeridade até agora adoptadas são a receita certa para contornar a crise?

Compreendo que tenham de ser tomadas, mas acho que o paciente pode morrer devido à medicação que lhe estão a dar. No sector do consumo o impacto está a ser uma coisa brutal. Acima de tudo, penso que o que as pessoas precisam é de um alento. Precisam de saber que daqui a uns meses vai melhorar. Há muita indefinição: se a Grécia sai ou não do euro, se o euro se mantém...

O grupo já tem algum plano de

contingência para os cenários mais difíceis?

Estamos preocupados. Temos presença em Espanha e a crise está a afectar muito este país. Sente-se mais nas lojas do que nos restaurantes. Mas acredito que Portugal não é o maior dos problemas da comunidade europeia, sobretudo estando nós a aplicar tão bem a receita que nos foi receitada. Mas pergunto-me se algum dia voltaremos a ter o mesmo nível de consumo que já tivemos.

Os portugueses habituaram-se a gastar menos?

Sim e não sei se algum dia iremos voltar a criar riqueza que permita às pessoas desafogarem-se. Mas também reconheço que os portugueses têm muita capacidade de adaptação. Uma das coisas que sentimos é que as empresas necessitam de mais capital social. Para conseguirmos dar o salto lá para fora e para crescer precisamos de investidores. Neste momento, procuro, por esse mundo fora, no Médio Oriente, na Ásia, no Brasil, um leque de investidores. Não gosto de estar parado.



pedido dos próprios trabalhadores. “Preferia colocar esse dinheiro numa conta a prazo e pagar os subsídios, ganhando os juros. Mas há pessoas que têm dificuldades e para quem as férias são uma miragem. Esse valor extra mensal faz mais falta”, sustenta. Contudo, a medida também beneficia a Lanidor. “É um problema que não vamos ter à frente. Reconhecemos que não temos a mesma facilidade em pedir ao banco para financiar”, afirma.

Sobre as mudanças nos horários, prática que tem sido seguida pelas grandes cadeias internacionais, João Pedro Xavier diz que não reduziu custos com uma diminuição das horas laborais. “Não é possível porque só tenho três pessoas em média por loja. O que tem acontecido é tentarmos sensibilizar os centros comerciais para reduzirem o horário de funcionamento e encer-

rarem às 22h em vez das 23h”, diz.

Para contornar a crise, a empresa preparou um programa de ajustamento, que inclui uma análise às lojas, a aposta em conceitos mais baratos (com a marca Loft) e a renegociação da dívida. “Temos uma base grande de clientes que eram do topo do funcionalismo público e que perderam dois subsídios e viram os impostos aumentar. Isso obrigou-nos a tomar medidas”, resume. Em algumas unidades, a Lanidor concentrou a venda de roupa de senhora e a de criança; noutras reconvertiu lojas para o conceito Loft - já com 24 unidades, e a subir nas vendas.

Outra medida foi a “racionalização das compras”: a empresa adquire a colecção mais perto da estação, em menor quantidade e a fornecedores nacionais. “Os chineses não querem fazer séries pequenas”.